

“Criação de casa etnográfica no Corvo não se coaduna com o projecto do Ecomuseu”

Avelino Meneses ouvido pela Comissão de Assuntos Sociais apreciou um projecto de resolução do deputado do PPM

É preciso dar “um pouco de tempo ao tempo” sobre a indispensabilidade ou não da criação de uma casa etnográfica no âmbito do Ecomuseu da Ilha do Corvo.

Esta é a posição do Secretário Regional da Educação e Cultura, tendo salientado que, face ao trabalho realizado em 2012 pela Direcção Regional da Cultura e, mais recentemente, pelo deputado Paulo Estevão, “não se justifica” a construção de uma casa etnográfica, “pouco condizente com a filosofia da criação de um ecomuseu”, projecto que se encontra em curso.

Avelino Meneses que falava à margem de uma audição na Comissão de Assuntos Sociais da Assembleia Legislativa, que apreciou um projecto de resolução da autoria do deputado do PPM sobre aquela matéria, adiantou, no entanto, que, no futuro, na sequência da evolução do projecto museográfico corvino, “indagaremos melhor, com mais dados, sobre a pertinência ou não da abertura de uma casa etnográfica clássica”.

Neste contexto, será tido em conta o facto do Corvo “não ter herdado do passado qualquer colecção de bens móveis musealizados e também o facto de no Corvo, como em toda a parte, ser um imperativo civilizacional a preservação do património, seja ele cultural ou natural”, acrescentou.

Por outro lado, o Secretário Regional da Educação e Cultura manifestou reservas sobre a criação de um núcleo



museológico na Praia da Vitória, na ilha Terceira, conforme proposta do PSD também apreciada pela Comissão de Assuntos Sociais.

Para Avelino Meneses, no concelho da Praia da Vitória são várias as instalações museológicas que “registam importantes memórias do passado, sendo elas de carácter mais individual ou mais colectivo”, nomeadamente a Casa de Vitorino Nemésio e a Casa das Tias, que rememoram o poeta, o Museu do Carnaval, nas Lajes, o Núcleo Museológico da Base Aérea n.º 4, e ainda o Museu do Vinho, nos Biscoitos.

Avelino Meneses referiu ainda que, na Praia da Vitória, o Forte de Santa

Catarina, propriedade da Região e com protocolo de gestão com a Liga dos Combatentes, é já um núcleo museológico do Museu de Angra do Heroísmo, podendo, no entanto, a sua actividade ser “sempre melhorada através da realização de mais iniciativas”.

“Em tempos idos, do ponto de vista político-administrativo, quando Angra do Heroísmo era cidade e a Praia da Vitória era vila, justificava-se mais que o Museu de Angra do Heroísmo tivesse uma extensão na Praia da Vitória. Agora, com os dois povoados em pé de igualdade, não me parece de todo justificável, porque não há qualquer relação de dependência”, frisou Avelino Meneses.

População senior com actividade física gartuíta

Ribeira Grande alarga aulas de hidroginástica a idosos de todas as freguesias do concelho



A Câmara da Ribeira Grande vai voltar a proporcionar aulas gratuitas de hidroginástica à população sénior do concelho, orientadas pelo professor Tiago Ávila. O objectivo é promover “hábitos de vida activa na terceira idade que fomentam estilos de vida saudável e contribuem para o bem-estar dos idosos”. As aulas, três vezes por semana, decorrem no complexo de piscinas

Viriato Madeira, nos bombeiros voluntários da Ribeira Grande, abrangendo mais de uma centena de utentes em representação de nove instituições do concelho.

O vereador do Desporto da Câmara da Ribeira Grande, Filipe Jorge, acompanhou uma das aulas e mostrou-se satisfeito com a adesão e boa aceitação por parte da população sénior que tem aderido cada vez em

maior número.

“As aulas de hidroginástica são oferecidas à população sénior da Ribeira Grande através de parceria com os centros de dia, sublinhando que “é possível alargar as aulas de hidroginástica a mais idosos porque é uma forma de contribuirmos para o envelhecimento ativo da nossa população”, desafiando as várias instituições da Ribeira Grande que ainda não aderiram às aulas a fazê-lo.

“É importante que a nossa população sénior possa manter-se activa e a hidroginástica é uma excelente forma de o garantir. Para além das aulas e dos benefícios para a saúde, é um momento de descontração e de convívio”, acrescentou. Para o ano 2019/20 estão inscritas nas aulas de hidroginástica os centros de dia das juntas de freguesia da Lomba da Maia, Maia, São Brás, Porto Formoso, Matriz, Conceição, Casa do Povo da Ribeira Grande, Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande e o lar Ferreira Cabido.



Por: Carlos A. César

Mais um Mamarracho em Ponta Delgada?

Ficamos a saber pelo Suplemento “Correio Económico”, do jornal “Correio dos Açores”, do passado dia 27 de Setembro, da intenção de se construir um edifício de grande volumetria, destinado a habitação e comércio ao lado do Hotel Azor nos terrenos da desaparecida Fábrica da Cofaco, entre a 1ª e 2ª Travessas da Calheta. Acresce a notícia que este “mamarracho” será uma mais valia para a Avenida Litoral, dando maior valorização à frente marítima.

Não será uma mais valia para o seu promotor? Não será mais um enorme bloco de cimento tapando a visão da cidade sobre a frente marítima ou o inverso? E a qualidade de vida de quem ali reside está assegurada?

Ponta Delgada, por falta de coragem e sensibilidade dos gestores da “coisa” pública da altura, perdeu a sua História, a sua identidade, na década de cinquenta do século passado, para dar lugar à Avenida Infante D. Henrique. O património que desapareceu, entre o Cais da Sardinha e a igreja de S. Pedro, incluindo o complexo designado por Cais da Alfândega, a Sul da igreja Matriz, foi inenso, e era de grande relevância no testemunho da nossa História.

Tudo foi enterrado em prol de uma cidade moderna, em prol do desenvolvimento, surgindo uma Praça Pomalima (Praça Gonçalo Velho Cabral) que nada tinha e tem a ver com a nossa identidade.

No entanto, há que realçar a limitação imposta aos edifícios, três andares; rés do chão e dois andares em volta da Praça e nos edifícios a Poente até ao forte de S. Brás. A Nascente desta Praça vão os edifícios subindo e descendo em volumetria desde os seis andares até aos exagerados vinte andares, entre a referida Praça e o edifício da EDA.

A Poente, temos harmonia no património construído com a zona marítima, a Nascente, temos um muro em betão que esconde a cidade da zona marítima. Como era agradável e bonito dar um passeio à doca e ver a cidade a descer da montanha até junto da orla marítima, um presépio! Em prol do desenvolvimento tudo foi tapado!

Mais tarde, nos últimos anos do século passado, para prolongar esta Avenida os mesmos erros foram cometidos! Enterra-se o pitoresco porto piscatório da Calheta Pêro de Teive e toda a sua rica História em troca de um cemitério de elefantes ali construído e um Mamarracho a Sul do secular e bonito edifício da EDA.

Todos nós, Ponta-Delgadenses, lembramo-nos bem das promessas políticas: “voltar a cidade ao mar.” O que temos hoje? Um conjunto de edifícios, um muro em betão que esconde a cidade da frente marítima

Ficamos convencidos que Ponta Delgada não tem uma linha que defina regras no seu crescimento, no que se deve, como se deve ou não construir, avança em prol dos promotores imobiliários e seja o que Deus quiser! São muitos os exemplos, lembro dois: as típicas casas do bairro dos pescadores na Calheta que podiam ser um museu a céu aberto; na Praia dos Santos, freguesia de S. Roque, as construções típicas que ali existiam – a Sul, estão a ser substituídas por edifícios modernos, cada um com a sua tipologia, alterando, por completo, o que era um rico conjunto de casas típicas Micalencenses.

Ponta Delgada precisa, com urgência, reunir as suas forças vivas, incluindo os seus cidadãos, para definir o que se quer para esta cidade. Não se pode continuar a construir ao Deus dará, pondo em causa a cidade, a segurança e a qualidade de vida dos Ponta-Delgadenses!

Esta é uma acção para ontem, porque hoje já estamos a comprometer a cidade que vamos deixar aos nossos descendentes!